

Ad futuram Regis memoriam:
para um projeto de recuperação, valorização e musealização
do túmulo do rei D. Dinis

Giulia Rossi Vairo (Universidade Nova de Lisboa, IEM)

Resumo

O túmulo do rei D. Dinis de Portugal, atualmente conservado na capela do Evangelho da igreja de S. Dinis de Odivelas, representa um *unicum* da escultura funerária portuguesa da primeira metade do século XIV e uma peça emblemática da escultura medieval europeia. O projecto *Ad futuram Regis memoriam: o restauro do túmulo do rei D. Dinis*, concebido e integrado no meu programa de trabalhos de Pós-Doutoramento, pretende desenvolver o estudo histórico-artístico, resultante da investigação histórica, arquivística, estilística, iconográfica e formal, em complemento à leitura da materialidade da peça, a realizar por profissionais da área. Neste contributo serão apresentados os resultados do estudo desenvolvido até ao momento, assim como algumas propostas concretas de restauro, de acordo com as conclusões da investigação, e de valorização e conseqüente musealização do monumento. Em última análise, o objetivo do projecto é fazer ‘redescobrir’ uma obra-prima do Património histórico e artístico português, ainda hoje pouco conhecida, e, através desta, contribuir para o melhor entendimento de uma figura preeminente da História de Portugal, o rei D. Dinis, cujo túmulo foi realizado justamente para eternizar e celebrar a sua memória junto aos vindouros.

Palavras-chave

Rei D. Dinis de Portugal, tumulária, restauro, musealização

O monumento fúnebre do rei D. Dinis de Portugal (1261-1325) encontra-se conservado na capela do Evangelho da igreja de S. Dinis de Odivelas, nos arredores de Lisboa, constituindo um exemplo de 'património cultural integrado'. Este túmulo representa um *unicum* da escultura funerária portuguesa da primeira metade do século XIV e uma peça emblemática da escultura medieval europeia, embora seja quase desconhecido pela comunidade científica internacional. Também a nível nacional pode-se afirmar que o monumento não é muito conhecido, devido igualmente ao acesso condicionado ao edifício que o acolhe. De resto, somente nas últimas duas décadas a historiografia artística tem manifestado maior interesse por esta obra-prima que só muito recentemente foi objecto de um estudo monográfico mais abrangente¹.

Atualmente o sarcófago do rei D. Dinis compõe-se de uma arca paralelepípedica, decorada nos quatro faciais, assente em seis bases e encimada por uma tampa com jacente. O túmulo foi realizado entre 1318 e 1324, em pedra de Ançã, uma pedra calcária branca e branda, oriunda da região de Coimbra, sendo acabado ainda em vida do soberano. Desta forma, o monarca teve oportunidade de aprovar a imagem de si que o monumento eternizava e de contribuir para a formulação do erudito programa iconográfico que se desenvolve, de forma coerente, nos suportes, na arca e no jacente. Este celebra as virtudes do príncipe cristão, zelador da fé católica, justo, forte, prudente, leal, recordando igualmente aos fiéis, leigos e religiosos, o caminho a prosseguir para aspirar à perfeição cristã, promessa de salvação.

Ao longo dos séculos, o mausoléu sofreu graves estragos na sequência das movimentações de que foi alvo, a partir do séc. XVI, no interior da igreja², e dos muitos sismos que afetaram a região, especialmente durante o terramoto de 1 de Novembro de 1755, quando a abóbada do templo desmoronou³. Além disso, os diversos restauros oitocentistas que se seguiram, muitas vezes invasivos e não filológicos, cuja finalidade principal foi reconstruir mais do que recompor e preservar da degradação⁴, alteraram para sempre a original efígie do rei que surge

¹ ROSSI VAIRO, Giulia, «Un caso emblematico (e dimenticato) della scultura funeraria trecentesca europea: il monumento funebre del re Dinis di Portogallo (1279-1325)», *Arte Medievale*, Milano, 2017, pp. 167-192.

² ROSSI VAIRO, Giulia, «Um caso de “circulação” e “transformação” de património integrado: o túmulo do rei D. Dinis», in Clara Moura SOARES, Vera MARIZ (eds.), *Dinâmicas do Património Artístico. Circulações, Transformações e Diálogo*, Lisboa, 2018, pp. 295-303.

³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Memórias Paroquiais de 1758*, fls. 59-69.

⁴ Há que considerar que, na altura, em Portugal não existia nem uma teorização nem uma prática na área da conservação e restauro.

na estátua jacente, não correspondendo esta à imagem que o próprio D. Dinis tinha pensado transmitir aos vindouros⁵.

Entre dezembro de 2016 e janeiro de 2017, o sarcófago beneficiou de uma intervenção conservativa, constando apenas de uma limpeza da sua superfície e consolidação de alguns fragmentos que se encontravam soltos. Esta foi levada a cabo pela empresa 4K e resultou da parceria entre a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), responsável pela tutela dos Monumentos Nacionais, e a Câmara Municipal de Odivelas (CMO)⁶. Por ocasião desta campanha, foram realizados pelo Laboratório Hércules da Universidade de Évora alguns exames diagnósticos e algumas análises laboratoriais relativos aos materiais pétreos e aos vestígios de policromia ainda existentes. Os resultados destas análises, quando se tornarem públicos, trarão com certeza muitas novidades e ajudarão a aprofundar o aspecto físico da obra, a sua história conservativa, bem como a avaliar o seu atual estado de conservação. Nesta circunstância, aproveitou-se igualmente a oportunidade para realizar um levantamento fotográfico ortorretificado que proporcionou novas e interessantes leituras do túmulo⁷. Terminada esta primeira fase de estudo físico da peça, está prevista uma nova intervenção de restauro a realizar-se proximamente (a concluir, presumivelmente, em 2020)⁸.

O projeto *Ad futuram Regis memoriam: o restauro do túmulo do rei D. Dinis* foi concebido como parte do meu programa de trabalhos de Pós-Doutoramento⁹. Em

⁵ Neste contributo vou me deter, embora de forma extremamente sucinta, sobre a iconografia dos suportes e do jacente. Relativamente ao programa iconográfico da arca, nos faciais maiores, dentro de edículas, encontramos de um lado, monjas, do outro, monges da ordem cisterciense. Contudo, temos que considerar que a maioria das figuras foi parcialmente reconstruída durante os restauros oitocentistas. Estes concentraram-se sobretudo no lado das religiosas que era o visível, conforme a disposição do sarcófago no absidiolo, permanecendo as imagens dos monges mutilados, mas, por esta mesma razão, mais autênticas. No que diz respeito aos faciais menores, no lado dos pés, surgem, em ambas as edículas, figuras de religiosos muito danificados, enquanto no lado da cabeceira, numa edícula reconhecemos claramente o rei ajoelhado ao lado de um presbítero, sendo que na outra encontramos as marcas de um sacerdote e um acólito a celebrar a elevação da Eucaristia.

⁶ 4K - TRINDADE, Sofia Wilton, *Relatório da intervenção dos túmulos de D. Dinis e do Infante na Igreja do Mosteiro de São Dinis e São Bernardo em Odivelas*, Lisboa, 2017.

⁷ O fotografo Sergiy Scheblykin ficou com a missão do levantamento ortorretificado da tumulária régia de Odivelas (fevereiro 2017).

⁸ A exposição *Os Túmulos de D. Dinis e do Infante – Um Novo Olhar* (Odivelas, Centro de Exposições de Odivelas, 4.11.2017-28.01.2018), organizada no âmbito do congresso, para além de proporcionar um enquadramento histórico e histórico artístico relativo à tumulária régia à guarda da igreja de S. Dinis, deu a conhecer a substância da intervenção conservativa, sendo apresentadas também as ortofotos, resultando do levantamento ortorretificado.

⁹ O título do programa de trabalhos de Pós-Doutoramento, beneficiado por uma bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), é *O Mosteiro de S. Dinis de Odivelas, memória do País: o Monumento e o Património* (SFRH/BPD/108772/2015). O projeto *Ad futuram Regis memoriam: o restauro do túmulo do rei D. Dinis* foi apresentado nos seus conteúdos ainda em fase da candidatura submetida à FCT, em 2015,

termos metodológicos, o projeto, ainda a decorrer, desenvolveu-se a partir da 'reconhecimento objetiva da obra'¹⁰, com o objetivo de proporcionar a um público de especialistas e não especialistas um estudo histórico-artístico, resultante da investigação histórica, arquivística, iconográfica, estilística e formal realizada sobre o monumento fúnebre do rei D. Dinis, em complemento à leitura da materialidade da peça, e consagrando uma especial atenção à sua história conservativa.

O objetivo final deste projeto é contribuir para a definitiva recuperação da memória, valorização e desejável, embora necessariamente parcial, musealização desta obra-prima da escultura medieval portuguesa.

Conhecer para valorizar

Um estudo crítico, científico e rigoroso, representa sempre o primeiro passo para a dignificação e a valorização de uma obra de arte, podendo (e devendo) servir de base, acompanhar ou fornecer os conteúdos para outras formas de valorização.

A investigação até agora desenvolvida no âmbito do meu projeto e de forma independente com respeito às ações empreendidas pela DGPC e a CMO permitiu avançar com uma proposta muito concreta de recomposição virtual de alguns fragmentos de dois suportes distintos atualmente mal fundidos, a que chamámos de 'suporte I' e 'suporte II', partindo de uma leitura estilística e formal dos elementos. Para melhor compreender a importância desta proposta há que ter em conta que, entre o século XIV e o XX, o túmulo 'viajou' literalmente dentro e até fora da igreja, acabando por ser 'enfiado' num absidíolo lateral, em posição vertical, com grave prejuízo da sua apreciação estética. Mais: durante as suas andanças, o monumento era constantemente desmontado e mexido, com dramáticas consequências quer em termos de conservação, como denuncia a orla da arca, muito partida e gasta, quer em termos da sua legibilidade, se pensarmos que, nas poucas imagens que possuímos e que documentam as últimas movimentações, os suportes nunca se encontram na mesma disposição e, por vezes, até desaparecem! Para além disso, na sequência das deambulações, perdeu-se a memória quer da antiga feição quer da específica ordem dos suportes que, originalmente, a meu ver, existia. Daí surgir uma

e, publicamente, em janeiro de 2016, perante uma equipa interdisciplinar, constituída por académicos, profissionais da tutela (DGPC), do restauro (Instituto Politécnico de Tomar) e funcionários da CMO (Memorando da reunião realizada a 04 de abril de 2016 – Centro de Exposições de Odivelas. Assunto: Articulação e constituição do Grupo de Trabalho *Ad futuram Regis memoriam: o restauro do monumento do rei D. Dinis em Odivelas*).

¹⁰ PANOWFSKY, Erwin, «La storia dell'arte come disciplina umanistica», in ID., *Il significato nelle arti visive*, Torino, 1962, pp. 3-28. A 'reconhecimento objetiva da obra de arte', aquela que Erwin Panowsky chamava de «análise arqueológica racional», prevê não só a observação prolongada do objeto de estudo em si, mas também a observação e leitura, mesmo que necessariamente a nível visual, da sua materialidade (materiais pétreos e pigmentos) e a medição.

série de ‘animais híbridos’ ou ‘dragões’, como foram sendo definidos pela historiografia artística (num passado nem tão remoto) alguns deles menos facilmente legíveis.

Portanto, após uma prolongada observação dos grupos plásticos, acompanhada por uma avaliação física da sua superfície e pela sua medição¹¹, procedeu-se à recomposição, de momento somente virtual, dos fragmentos: a cabeça do suporte II, produto de uma montagem de época moderna, sendo até presente o ferro que a devia segurar ao corpo do animal (um cão), foi remontada no suporte I, cuja anatomia revela ser um leão. A mão que se pode ver agarrada na orelha da cabeça da fera do suporte II pertence, na verdade, ao homem nu subjacente ao leão do suporte I. Na restauro virtual elaborado reparamos que a figura humana resulta assim reconstituída e que até as linhas da juba do leão coincidem (fig. 93).

Sempre relativamente às bases, foi proposta a recolocação das duas que hoje em dia sustentam o túmulo do infante Dinis, neto do rei Dinis, realizado em 1318 e alojado na capela da Epístola na mesma igreja¹², no sepulcro do avô. Isto porque, e resumindo os resultados da investigação, as medidas, o tipo de pedra, a presença de vestígios de policromia, a análise estilística e iconográfica, a desproporção com respeito à arca do infante e até o estado de conservação parecem confirmar a pertença destes suportes ao monumento maior. Sendo assim, na recomposição, mais uma vez, obrigatoriamente virtual, foi recolocado, em jeito de exemplo, uma das duas bases, observando-se que esta se integra perfeitamente no conjunto, havendo o espaço necessário para o efeito (fig. 94).

O mausoléu régio conserva vestígios de policromia nos suportes, no jacente e muito especialmente na arca, no coroamento de rosetas, nas arquiteturas das edículas e em algumas imagens, sobretudo as dos faciais menores. Por esta razão, foi possível formular uma hipótese sobre a originária distribuição das cores no

¹¹ Os suportes do túmulo do rei apresentam-se num estado fragmentário e lacunar, faltando sobretudo as partes mais saliente com respeito à orla do sarcófago, circunstância esta que, ao longo do tempo, tem dificultado a identificação dos complexos motivos esculpidos. Os suportes apresentam-se não trabalhados e lisos na parte superior, devendo servir de sustento para a arca. Tendo em conta o estado de conservação, cada um deles, nalguns casos figuras, noutros, grupos plásticos, mede em altura cerca de 36 cm e em comprimento entre 76 e 82 cm. Todos os suportes apoiam sobre um pedestal de cerca de 4 cm de altura, sendo detectáveis neles vestígios de policromia (ocre e vermelho), reconhecíveis também em alguns nichos da arca e na decoração de rosetas de coroamento desta. No túmulo foram identificados os seguintes temas: de um lado – lado das monjas –, um leão acéfalo que subjuga um homem; um animal das características zoomórficas dúbias, sucessivamente identificado com um cão; um segundo leão que segura sob as patas um objecto não identificável de imediato, mas a seguir identificado com um antebraço humano; e no outro lado – lado dos monges –, um grupo que representa uma cena de luta entre um urso e um homem; um grifo acéfalo, segurando a porção de pernas de uma figura velada; e um grupo constituído por um camelo acompanhado pelo homem que o conduz.

¹² ROSSI VAIRO, Giulia, «O Mosteiro de S. Dinis de Odivelas, panteão régio (1318-1322)», in Carlota SANTOS (coord.), *Família, Espaço. Património*, Braga, 2012, pp. 433-448.

sarcófago, pelo menos no que diz respeito à arca. Mais uma vez, através do recurso à elaboração gráfica, avancei com uma pequena amostra do que poderia ser, por exemplo, a edícula onde surge a figura do próprio rei D. Dinis, ajoelhado e em oração perante um presbítero (fig. 95).

Relativamente ao jacente, desconhecemos qual seria a antiga efígie do rei, de momento que a estátua que hoje em dia vemos na tampa, desproporcionada e sem graça, é o resultado do restauro de 1886. Não obstante, alguns testemunhos iconográficos, assim como a comparação com alguns monumentos coevos¹³ podem ajudar na formulação de hipóteses verosímeis acerca da originária feição do jacente. Esperando que a prossecução da investigação possa trazer novidades, pode-se no entanto já hoje colocar a possibilidade de que o rei tivesse as mãos postas, como de resto o infante na capela ao lado tem, e como surge representado no desenho realizado 'ao vivo' pelo pintor e desenhador Marcelo Bordalo Pinheiro, nos anos 30 do século XIX, antes do restauro, tratando-se portanto da primeira documentação gráfica de que dispomos do túmulo do rei (fig. 96).

Perante os primeiros resultados concretos do estudo, apoiado e auxiliado pela elaboração gráfica, podemos facilmente compreender as potencialidades do recurso às tecnologias aplicadas aos bens culturais que permitirão proceder com hipóteses ainda mais concretas relativas à reconstrução da originária feição do jacente, da policromia da arca, da antiga estrutura do túmulo e também formular, preventivamente, diferentes estratégias de restauro, programando as modalidades (e os limites) da intervenção, sem atuar diretamente no manufacto.

Propostas de musealização

Antes de mais, contudo, há uma premissa fundamental a fazer: para poder conceber um projeto de valorização mais abrangente, antes temos que conhecer, e para conhecer temos que ver, ter a possibilidade de observar de perto, estudar a obra. Portanto, é preciso tornar acessível o monumento pelo menos aos estudiosos, sendo que hoje em dia a igreja só é aberta durante a única missa dominical e há visitas guiadas, organizadas pela CMO, à tarde de dois sábados por mês, iniciativa louvável, mas não suficiente¹⁴.

¹³ Trata-se dos túmulos de Bartolomeu Joanes, na Catedral de Lisboa, e de Fernão Rodrigues Redondo, na igreja de S. Nicolau de Santarém, ambos 'homens do rei' e ambos falecidos em 1324, cujos jacentes apresentam elementos e detalhes iconográficos que encontramos também no monumento régio, mesmo que muito manipulado e intervencionado.

¹⁴ Esta era a situação em novembro de 2017, aquando da realização do congresso. Contudo, entre o mês de outubro de 2018 até ao presente foi impossível aceder à igreja devido às obras a ser realizadas no interior do edifício.

Apesar das limitações, no contexto do projeto *Ad futuram Regis memoriam: o restauro do túmulo do rei D. Dinis* algumas propostas para a recuperação, valorização e futura musealização do sarcófago de D. Dinis têm sido elaboradas, com base no conhecimento gerado pela investigação e cuja implementação ficará naturalmente a critério das instituições responsáveis pela tutela dos Monumentos Nacionais e da autarquia.

Uma das primeiras propostas seria proceder a um mapeamento das diversas massas aplicadas e também dos vestígios de policromia ainda existentes. Dispondo destes dados, poder-se-ia seguidamente proceder, através da elaboração gráfica, com a formulação de hipóteses de reconstrução virtual do túmulo de forma a evitar a tomada de decisões excessivamente problemáticas com respeito à execução do restauro.

Contudo, há que seguir também com uma proposta de restauro mais concreta, ‘corajosa’, que vise em primeiro lugar, consolidar, recompor os fragmentos, deslocar os suportes, estabilizar a matéria e criar as condições para a sua futura salvaguarda. Dentro destas, talvez se pudesse avaliar a possibilidade de recolocar o sepulcro régio no meio da igreja, espaço para o qual foi concebido e realizado, ação que não quer simplesmente olhar ao passado, mas sim ao futuro. De facto, esta operação garantiria a sua plena compreensão e fruição estética, hoje em dia completamente frustrada, para além de visar reestabelecer uma diálogo com o contexto espacial, embora muito transformado, para o qual o túmulo foi esculpido e com a nova comunidade que com ele atualmente se relaciona, isto é, os fiéis que frequentam o edifício de culto, mas também os estudiosos e os apreciadores do Património histórico-artístico português.

Para concluir, vale a pena salientar, mais uma vez, que, em última análise, o objetivo do projeto aqui apresentado é fazer ‘redescobrir’ uma obra-prima do património tumular medieval português durante muitos anos esquecida e, através desta, contribuir para o melhor entendimento de uma figura preeminente da História de Portugal, o rei D. Dinis, cujo monumento fúnebre, reflexo da espiritualidade, da devoção e também da personalidade do seu comitente, foi realizado justamente para eternizar e celebrar a sua memória junto dos vindouros.